

DEZ PERSPECTIVAS SOBRE EMERGÊNCIA¹

David E. Wellbery *

Tradução do inglês por João Adolfo Hansen **

Resumo: O ensaio discute a apropriação possível do conceito de emergência, oriundo das ciências da natureza, para a problemática dos estudos literários, tendo como interlocução de fundo a obra teórica de Hans Ulrich Gumbrecht.

Palavras-chave: Crítica literária. Epistemologia. Emergência.

1. A emergência de emergência

A recente, mas não tão recente, emergência do conceito de emergência é nossa primeira premissa. O conceito, já apontado no ensaio inicial de Foucault, *Nietzsche, Genealogia, História*, tornou-se foco de atenção, principalmente no trabalho de Gumbrecht e também em um conjunto de ensaios influenciados pela teoria biológica. Ele é evidente, por exemplo, no trabalho produzido na trilha da reformulação da teoria dos sistemas feita por Luhmann. Emergência, em outras palavras, emergiu, o que é um modo de

¹ Este texto foi preparado como uma apresentação oral sobre o trabalho de Hans Ulrich Gumbrecht, mas jamais chegou a ser proferida. A isso se deve a informalidade do uso das citações, que não receberam as referências adequadas. Optou-se, apesar disso, por reproduzir o manuscrito em seu estado original, dado o seu ineditismo, mantendo-o do modo como foi preparado por seu autor. (Nota do Organizadores)

* Professor do Departamento de Estudos Germânicos da Universidade de Chicago (EUA).

** Professor Titular do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP).

dizer que o conceito é autológico, ou que se aplica, entre outras coisas, a si mesmo. E isso me parece um ponto produtivo para começar a explorar as dimensões, as possibilidades operacionais do conceito: perguntar o que é emergência e se alguma coisa como o conceito de emergência pode emergir.

2. Emergência como conceito não-reducionista

O conceito de emergência tornou-se crucial em discussões sobre a validade de explicações reducionistas. Com efeito, uma primeira aproximação de uma definição é que o conceito marca justamente o limite de tais explicações. O caso crucial de teste, naturalmente, é a biologia. Ernst Mayr define emergência como segue: “Quando duas entidades são combinadas num nível mais elevado de integração, nem todas as propriedades da nova entidade são necessariamente a consequência lógica ou previsível das propriedades dos componentes” (*Toward a New Philosophy of Biology*, 34). As propriedades da célula viva, por exemplo, não são redutíveis aos processos químicos ou físicos que constituem a base material da célula. A célula – ou, mais genericamente, a vida – constitui o que Mayr chama de “nível mais elevado de integração” e a emergência ocorre onde tais níveis acontecem. Há, penso, duas lições relacionadas para apreender disso:

a) Não é qualquer coisa que pode emergir. Por outras palavras, a gramática lógica do conceito de emergência requer que seja completado por um genitivo que circunscreve não um item individualizado ou um evento singular, mas antes um nível de integração, através do qual o termo “integração” possa ser proposto como indicativo de certa relacionalidade, referencial cruzada e mesmo interdependência entre elementos de um feixe de elementos. Para descrever uma emergência, então, é pertinente descrever a emergência de um nível de integração onde o velho postulado estruturalista – nenhum elemento isolado do sistema de relações do qual ele faz parte – aparece. E o que isso finalmente começa a significar é que aquilo que emerge é sempre um sistema, ou seja, falar sobre emergência sempre é fazer referência a sistemas. Mas a quais? Teremos que voltar a esse ponto.

b) Considerando que o conceito de emergência se refere, no nível do objeto, a limiares sistemáticos, sua significância para a observação é certa não transferência de vocabulários descritivos. A questão do argumento de não redutibilidade, enfim, não é que a vida seja mais que um derivado previsível de propriedades físico-químicas, mas, igualmente, que a vida requer uma linguagem descritiva diferente das que são aplicadas ao domínio físico-químico. Observar uma emergência, então, é inventar um vocabulário

autônomo pelo qual eu significo um conjunto de conceitos codefinidores. Pode-se imaginar que esse processo mimetiza a correferencialidade de elementos no nível do sistema emergente que é observado, o que significa dizer que os vocabulários descritivos podem também ser entendidos como sistemas emergentes. Isso esclarece a afirmação intuitiva feita acima: não é o conceito de emergência que emergiu, mas todo um sistema de conceitos inter-relacionais, um vocabulário descritivo, uma ótica teórica, nos quais o conceito de emergência assinala um ponto nodal particularmente denso.

3. Emergência e contingência

Entre os interesses epistemológicos agrupados em torno do conceito de emergência está o que poderia ser chamado de um olho para a imprevisibilidade. O conceito, por outras palavras, tem seu lugar em uma perspectiva mais ampla de mudança que sublinha o caráter imprevisível do desenvolvimento. Outro modo de afirmar isso é dizer que emergência não é pensável em um universo mecânico nem em um universo teleológico, mas só num universo probabilístico atingido através de indeterminações. Esse ponto é óbvio, suponho, dado o fato de que o conceito biológico de emergência funciona no modelo da teoria evolucionista neodarwinista, que é uma teoria de desenvolvimento indeterminado. Mas uma das consequências desse encaixe teórico talvez seja menos óbvia, principalmente porque liga o conceito de emergência ao estudo de singularidades contingentes. Eventos, encontros, interseções e ramificações de caminhos de desenvolvimento: essas são as contingências imprevisíveis que qualquer investigação sobre emergência deverá pesquisar, fato que envolve todo o projeto com o que poderia ser chamado, lembrando novamente as formulações iniciais de Foucault, de o *pathos* da ruptura.

Aqui, o acaso epistemológico é que esse *pathos* escapa e cega a investigação para o fato de que a emergência, ainda quando ela acentua o drama de rupturas súbitas, pressupõe, não obstante, duas espécies de continuidade. Pressupõe, digamos, continuidade retrospectiva, à medida que o evento de emergência é pensável somente no pano de fundo de um conjunto preexistente de estabilidades de processos repetíveis e constantes. Sua força desconectadora, em resumo, deve ser aplicada a algum conjunto de conexões entrelaçadas. Doutro modo, o evento emergente não teria nenhum valor informacional, nenhuma surpresa. Mas emergência, igualmente, pressupõe continuidade prospectiva à medida que ela é sempre a emergência de um nível de integração de coerência sistêmica. Sua

consequência, por outras palavras, deve atingir um grau de estabilização, garantido através de mecanismos de reprodução, se alguma coisa tiver finalmente emergido.

4. O teatro da emergência

Se alguém perguntasse qual forma literária é a mais apta como modelo da emergência, acredito que seria levado ao drama e isso por duas razões. Em primeiro lugar, por causa da bidimensionalidade do drama, que é disposto num campo espacial, mas desenrola-se no tempo. Mais que isso: o tempo do drama – e isso o distingue do tempo de todas as formas limitadas de texto, como do cinema, é agudamente indiciado na atualidade do momento. Isso é o que Cavell chamou a presença do mundo atuado, e isso desaparece, fica ausente, quando aquele mundo é absorvido numa forma textual ou numa forma de meio equivalente. No teatro alguma coisa acontece, apresenta-se a si mesma, é sentida e entendida em seu devir. A extensão que estou sugerindo é que isso se relaciona com emergência, genericamente, que descrever uma emergência é construir uma espécie de *mise en scène* teatral. E isso significaria que a atenção à emergência em estudos culturais e literários seria atenção à teatralidade da história cultural e literária, seria, para retomar o termo de Burke com um uso ligeiramente diferente, uma espécie de inquérito dramatizador.

A segunda razão para ligar a pesquisa orientada pela emergência com o drama é que essa ligação aponta o parentesco de tal pesquisa com a venerável metáfora do mundo como palco. Eu proponho que a força dessa metáfora em suas redações shakesperianas e barrocas, e também em suas variantes schopenhauerianas e nietzscheanas, é diluir o mundo de substância metafísica. Ela reduz o mundo a uma espécie de mascarada, mas uma mascarada que não oculta nada, nenhuma significação mais profunda, nenhuma agenda oculta, nenhum agente diretor. A representação teatral é verdadeira, em outros termos, não porque duplica o real, mas porque apresenta a teatralidade do real. O que aparece é justamente sua aparência, o que se joga é justamente a assunção da forma pela própria peça. Observar a história cultural desse modo é evitar justificativas edificantes para o projeto de alguém ou, como Gumbrecht poderia dizê-lo, assumir uma atitude anti-hermenêutica. Requer um agnosticismo moral combinado com um senso de diversão, uma pitada de impassibilidade e ironia que, apesar de suas diferenças teóricas, constitui o tom da afinidade entre os dois teóricos da emergência, Foucault e Luhmann.

5. Emergência e autorreferência

Quero retomar a frase de Mayr, “nível de integração”, que glosei como coerência sistêmica, para acentuar o que penso ser o traço principal das formulações recentes do conceito de emergência. Para citar o teórico de leis Gunther Teubner: “Emergência aparece (*tritt dann auf*), quando anéis autorreferenciais aparecem e são tão concatenados que formam os elementos de um novo sistema”. Que a autorreferência seja uma pré-condição para processos representacionais foi, é óbvio, um *insight* de Kant, que inferiu dele que deve haver um “Eu penso” anterior que acompanha todas as minhas representações, uma pura síntese, como ele propõe, da percepção. Isso pode ser chamado de construção hierárquica de autorreferência, pois ele põe uma autoconsciência supervisora como o foco da autorreferencialidade das representações. Nas teorias contemporâneas, contudo, a referência é concebida não como a amarração das representações numa agência, mas como a auto-organização das representações – ou, não importa quais elementos do sistema – entre eles mesmos. Autorreferência, em outras palavras, é inter-referência dos elementos e cada elemento é autorreferencial no sentido de que ele se refere a outros elementos dentro do sistema e refere-se a si mesmo como um elemento do sistema. O que eu chamei muito largamente de coerência sistêmica é justamente o padrão de relações autorreferenciais entre os elementos. O traço notável dessa concepção é que ela desierarquiza a autorreferência, ou a desata de um sujeito ou “eu”, e estende o “auto” de autorreferência lateralmente entre os elementos. “Auto”, então, é uma marca de redes consistindo de elementos inter-referenciais. Tal “auto” pode ser situado em vários níveis: o neuronal, o psíquico, o social ou comunicativo.

Em seu ensaio pioneiro *Rythmus als Sinn*, Gumbrecht deixa claro que o nervo dessa concepção é a abertura para a temporalização. O “Eu penso” que, na perspectiva de Kant, deve ser capaz de acompanhar todas as minhas representações, posiciona-se fora do tempo e, desta posição extratemporal, garante a conexão do processo representacional. No entanto, se a autorreferência é pensada como uma relação lateral oposta à relação hierárquica, então ela pode ser concebida como um evento no tempo. O sistema reproduz-se a si mesmo ligando a descontinuidade temporal com nexos de autorreferência, mas isso significa justamente dizer que ele se reproduz a si mesmo como uma ação recíproca de continuidade e descontinuidade. Também se podia dizer que autorreferência não é o que o

sistema tem, mas o que ele constantemente deve produzir para manter-se a si mesmo. Delinear a emergência de um sistema é traçar o estabelecimento de um modo de produção de elementos autorreferenciais.

6. A antropologia da emergência

Quero retomar aqui outro *insight* do ensaio de Gumbrecht, *Rhythmus als Sinn*, justapondo sua análise à ortodoxia da teoria dos sistemas. Na visão padrão da teoria dos sistemas, os níveis relevantes do sistema são, como disse acima, o neuronal, o psíquico e o comunicacional ou cérebro, consciência e sistemas sociais. Essa é uma concepção bastante intelectualista, ou seja, uma concepção cerebral que põe em relevo o “sentido” (*Sinn*) – pelo menos no nível da consciência e dos sistemas sociais – como o elemento constitutivo do sistema. A questão que Gumbrecht levanta em seu ensaio sobre o ritmo é se o ritmo (autorreferência obtida apesar da descontinuidade temporal) poderia ser concebido como apenas uma questão de sentido ou, para dizê-lo positivamente, se há níveis de organização autorreferencial que emergem antes do estabelecimento do sentido e apesar disso têm certa avaliabilidade fenomênica e mesmo intersubjetiva.

Um dos patronos teóricos da discussão de Gumbrecht é George Herbert Mead, cujo pensamento exerceu da mesma forma uma poderosa influência sobre a antropologia filosófica de Arnold Gehlen. Essa filiação genealógica sugere que a leitura cruzada do ensaio de Gumbrecht e da discussão de Gehlen dos “Processos circulares elementares no comportamento” em sua obra máxima *Der Mensch* (1940) seria instrutiva. Gehlen orientou sua discussão dos processos circulares no nível do movimento e da sensação como uma de suas maiores contribuições e o último chegou a ver sua descoberta como uma antecipação da noção cibernética de anéis de *feedback*, a qual, é claro, é o antecedente conceitual das noções de auto-organização aludidas acima. O que une Gumbrecht e Gehlen é o fato de eles tomarem o corpo como seu foco analítico; abrindo desse modo padrões autorreferenciais de emergência nos níveis da sensação e do comportamento háptico. Com outras palavras, suas análises eliminam o intelectualismo residual ou o preconceito cognitivista da teoria ortodoxa dos sistemas e esboçam uma abordagem antropológica da emergência que tem tremendo potencial para os estudos literários e culturais.

7. Condições midiáticas de emergência

O que emerge são sistemas autorreferenciais, que requerem um substrato midiático de elementos livremente conectados nos quais os elementos sistêmicos são impressos como rígidas conexões. É evidente que o meio impõe restrições à rede de elementos concatenados possíveis nele, o que significa que ele impõe limites à emergência cultural. Imagine, por exemplo, que o único substrato midiático disponível seja o conjunto dos movimentos corporais, posições etc. Uma situação que poderia restringir a emergência de coerências sistêmicas dos elementos atados dentro desse domínio fluido: um sistema de gestos, padrões de ações etc. Adicione agora a esse conjunto de possibilidades de meios os recursos da oralidade, a qual, entre outras coisas, permite o desenvolvimento de uma sintaxe estabelecida proposicionalmente. Classifiquemos todas as formas culturais possíveis nas condições da corporeidade como miméticas, no sentido de mimetizar; assumamos depois que, com a avaliabilidade da língua falada, um feixe de sistemas culturais – conversacional, narrativo etc. – emerge, o qual classificaremos como mítico. O exemplo é cru, embora não sem precedente na pesquisa. Introduzo-o aqui para esclarecer que o ponto que interessa em emergência é – e penso que o trabalho de Gumbrecht o demonstra muito bem – simultaneamente um interesse em restrições do meio e, além disso, em quais diferenças de meio podem ser empregadas como critérios para o desenvolvimento de uma tipologia de sistemas culturais emergentes. Introduzir a escrita como possibilidade midiática e um conjunto de diferentes sistemas torna-se viável; a imprensa os expande e transforma. E, juntas, a escrita e a imprensa permitem a emergência de redes autorreferenciais que não dependem de interação personalizada; elas emancipam sistemas culturais do embasamento corporal e das limitações de espaço e tempo. Elas também transformam as possibilidades disponíveis nas mídias corpóreas e orais como os sistemas culturais limitados pelo roteiro do dogma, história, conhecimento e literatura, facultando a produção de novas formas miméticas e míticas. A questão do exemplo é que a evolução cultural não se desenvolve como uma fina sequência – ou seja, mimesis, mito, dogma e conhecimento – mas como um espesso arranjo e rearranjo constante de sistemas emergentes nos quais os planos iniciais de organização permanecem vitais e vão sofrendo constante transformação. Mas o ponto metodológico mais amplo é que o estudo dos sistemas

autorreferenciais emergentes vai requerer uma aliança epistemológica entre estudos de meios, investigações antropológicas e estudos sociológicos de teoria dos sistemas. Uma maneira de ler o trabalho de Gumbrecht, penso, é vê-lo como uma série de experimentos que testam as possibilidades desse misto metodológico.

8. A obra como sistema emergente

Um objeto tradicional dos estudos literários e, mais genericamente, dos estudos humanísticos, tem sido o tópico da originalidade. Na pesquisa mais recente, contudo, o conceito de originalidade tornou-se um objeto de derrisão e com alguma justificativa desde que seu tratamento frequentemente pressupôs as premissas teológicas, metafísicas e vitalistas condensadas na noção de “gênio”. O perigo desse repúdio é a confusão proverbial entre a criança e a água do banho, ou seja, dispensar não só a noção criacionista da originalidade fundada no gênio, mas também a questão real e importante de como algo novo vem a ser ou como a inovação cultural é possível.

O teste decisivo da criatividade genial sempre foi a produção de uma obra, não só no sentido corriqueiro de um artefato, mas no sentido enfático e honorífico de um produto autônomo e sem precedentes que explicita um acordo generalizado, se não universal. Tais obras foram, em outras palavras, sempre a premissa e, o gênio do autor, digamos Shakespeare ou Dante, Goethe, Kafka, uma espécie de registro do espanto que continuam a provocar. Esse conjunto de nomes próprios remete a uma observação feita acima sobre o efeito de que estudar a emergência é estudar singularidades contingentes e uma das atrações epistemológicas do conceito de emergência, parece-me, é a de ele nos permitir revisitar esse tópico da originalidade de modo não criacionista. Por outras palavras, estou sugerindo que as grandes obras canônicas podem ser descritas como sistemas autorreferenciais emergentes tanto internamente, como inter-referência dos elementos da obra, e externamente, como consideração das tradições construídas em torno delas. Tal aproximação contrariaria a tendência corrente nos estudos literários de dissolver a unidade da obra na fabricação de referências culturais entrelaçadas pondo ênfase no fato de que a emergência envolve uma interrupção de dependências e a constituição de elementos sistêmicos específicos. Aqui, a inflexão antirreducionista do conceito de emergência novamente vem para o primeiro plano. Mas a singularidade contingente de uma emergência não deveria mais ser enterrada nas profundezas misteriosas da subjetividade. Emergência não sai de um simples ponto ou ato, de uma

decisão seminal (“*Keimentschluss*”), como na concepção hermenêutica de Schleiermacher, mas de um campo complexo de diversas regularidades culturais e interseções contingentes.

9. Estilo como sistema emergente

Acredito que o conceito de emergência é suficientemente fecundo para sustentar o reexame de todo o armazém dos conceitos literários. Uma segunda ilustração disso é o conceito de estilo, ao qual tanto Luhmann quanto Gumbrecht devotaram ricas análises. A abordagem do conceito de estilo que quero sugerir aqui difere levemente da abordagem deles, mas é aparentada, penso, na sua direção. Estilo, de acordo com uma intuição que me assalta como convincente é o “como” de um texto ou discurso oposto ao seu “o quê” ou conteúdo. Esse “como” pode ser fixado pela referência a seleções que ocorrem em vários níveis linguísticos: sintaxe, figuratividade, ritmo, campos léxicos etc. Às vezes as seleções em um determinado nível são tão insistentes que elas são empregadas *pars pro toto* como etiqueta global do estilo, como demonstram termos como estilo hipotático, estilo metonímico, estilo fluente, estilo rústico. Mas nenhuma taxonomia dos estilos poderia ser desenvolvida com base em um único nível linguístico como seu único critério, e isso em razão de que estilo não é uma função de um único nível linguístico, mas algo que satura todo o discurso. Tentar derivar o estilo de categorias linguísticas é, em outras palavras, parecido com a empresa reducionista. Mas o critério que nos permite aceitar ou descartar uma forma linguística particular como pertencente a certo estilo é justamente o que é elemento daquele estilo, o que significa dizer que ela opera numa rede autorreferencial. A coisa delicada, contudo, é definir a especificidade dessa rede, distingui-la, por exemplo, de tal rede como a obra. Minha sugestão é que os estilos são sistemas autorreferenciais que emergem devido a uma espécie peculiar de duplicação que ocorre com todos os esquemas operatórios, sejam eles motores, perceptivos ou cognitivos. Ou seja, qualquer esquema – uma forma sintática, uma pincelada, um tempo, um tipo de figuração – pode ser usado como um componente de uma atividade prática ou poética, mas também pode ser mencionado, citado, e nesse sentido ele se refere não à finalidade ou ao tema da prática, mas a si mesmo. Estilo ocorre no nível da menção, ocorre, em outros termos, em virtude de uma espécie de autocitação do elemento esquemático. O uso, podíamos dizer, seleciona um esquema para usá-lo transitivamente, mas o estilo seleciona a seletividade, marca a seleção como tal. Estilo é o padrão, ou o

sistema autorreferencial, de autocitação esquemática e é por isso que estilo tem a ver com o “como” e não com o “quê” do texto, discurso ou obra. Estilização, nesta análise, é a dominância da menção sobre o uso; o pastiche trata seus textos objeto como estilizações, como o faz a paródia, mas com uma inflexão distanciadora e crítica.

10. A emergência da emergência

A emergência da emergência (ou o conceito de emergência) nos estudos literários e culturais significa um ponto de partida significativo? É, em outras palavras, uma autêntica emergência ou simplesmente a redação de modos herdados de reprodução disciplinar? Nesse ponto, a questão permanece em aberto. A ótica teórica à qual o conceito pertence acha-se insuficientemente desenvolvida, a rede autorreferencial de fontes teóricas – antropologia, teoria dos meios, teoria dos sistemas etc. – está conectada muito frouxamente, os modos de reprodução discursiva (a construção de contribuições ou as contribuições) são demasiado tênues, a identificação de focos temáticos é muito vaga e vacilante para permitir uma decisão clara se uma reorganização disciplinar está ocorrendo. Emergência, por sua própria natureza, só é identificável retrospectivamente. Apesar disso, podem-se imaginar certas condições que terão de ser encontradas se a emergência tiver ocorrido no nosso campo discursivo. O princípio de que tal condição será uma mudança autológica de tal modo que uma disciplina aplicada ao conceito de emergência terá, ela mesma, que assumir, na verdade procurar, o risco de imprevisibilidade. Ela se iluminará a si mesma em novas configurações de singularidade contingente, querendo, como se fosse, sua própria evolução. Ela operará num campo aberto de experimentação. Assumirá a tarefa e a responsabilidade de construir – a autorreferencialidade, é claro – seus próprios elementos de reprodução, reconhecendo que a reprodução é sempre precária. O que emergência significa, finalmente, é que aquela clausura autorreferencial é pensada com a temporalização e a perturbação imprevisível, ordem com ruído. Esse pensamento poderá tornar-se não um mero objeto de estudos literários, mas sua própria autodefinição? Como vários dos meus comentários aqui deixaram ver, acredito que o trabalho de Sepp Gumbrecht é uma demonstração de que isso é uma possibilidade real.

Abstract: The essay debates the appropriation by the literary studies of the scientific concept of emergence, through a constant dialogue with the theoretical work of Hans Ulrich Gumbrecht.

Keywords: Literary critique. Epistemology. Emergence.

Recebido em: 07/03/2010

Aprovado para publicação em: 12/04/2010